

«E por ali o caminho!» Indica a pastora de Moita do Pinheiro. ◀

início/fim: Pista de Moitas

extensão: 8,26 Km

duração: ±3h30

grau de dificuldade: fácil ●●○○○



— A história na Paisagem

sabia que?



A zona de musgo mais abundante nas árvores isoladas indica o Norte, porque esta planta para crescer prefere a humidade.

Junto ao hangar e estacionamento da pista de Moitas, dá-se o princípio do percurso, à descoberta dos monumentos megalíticos existentes por estas paragens. Os primeiros passos conduzem-nos a uma pradaria fustigada pelo incêndio de 2006, mas ainda assim vale a pena conhecer e prosseguir viagem pela História. A quase dois quilómetros do início de caminho, a paisagem começa a ganhar vida. Sobre os nossos olhos, surge um quadro privilegiado onde o humano e a natureza parecem conviver em harmonia. Ao longe, ouvem-se os sinos da Igreja das Moitas e avistam-se as casas da aldeia circundadas por um pinhal verdejante. Mais à frente vislumbra-se a povoação de Atalaia, seguida de Vale das Balsas. Passado este lugar panorâmico, deparar-se-á com um cruzamento que lhe dá indicações do primeiro sinal de História a visitar: a Anta Cão do Ribeiro, localizada



_ Arco de Moitas



_ Anta do Vale do Alvito

numa pequena cumeada entre a zona agrícola e florestal.

Satisfeita a curiosidade histórica, o caminho continua paralelo à ribeira de S.Gens. Ladeando uma horta – no início do Verão, toda ela coberta de milho verde –, encontra um antigo moinho e a sua levada. Atravessa-se outra linha de água, que seca nos meses de calor, e segue-se em direcção à pequena povoação de Moita do Pinheiro. A pouco mais de cinco quilómetros do início do percurso, faça um curto desvio e suba o cabeço para observar a Anta do Vale do Alvito, que quase passa despercebida à maioria dos visitantes.

Com um cenário amplo, aromatizado pelos jovens eucaliptos que insistem em ser mais fortes do que os incêndios, e com dezenas de aerogeradores ao longe, avançamos escassos metros para chegar à terceira Meimosa do percurso. No Cabeço da Anta, como é denominada, observa-se uma laje de xisto de proporções consideráveis. No mesmo local, encontra ainda um marco geodésico. A partir daqui, é a frescura e o perfume dos pinheiros que nos acompanham no caminho. A sete quilómetros, entramos na isolada localidade de Moita do Pinheiro, habitada por apenas uma família, um dos sete lugares que compõem as Moitas, além da



_ Moitas

Moita Mateus Alves, Moita Pedro Domingues, Moita do Grilo, Moita do Santo, Moita do Arco e Moita do Ferreiro. Se quiser, pode entrar na aldeia para adquirir produtos locais, como mel e queijo. Ao continuar viagem, irá percorrer uma subida



PR1 _ principais pontos de interesse:



- 1 _ Centro de Paraquedismo; 2 _ Arco da Moita; 3 _ Anta do Cão do Ribeiro;
- 4 _ Anta do Vale do Alvito; 5 _ Cabeço da Anta; 6 _ Centro de Ciência Viva da Floresta

íngreme, mas demasiado curta para que represente um empecilho à resistência física. A escassos metros, irá rodeá-lo uma pradaria à direita e, à esquerda, uma pequena vinha, sinal de que, felizmente, ainda há quem teime em tratar a terra. A finalizar o trajecto, chega-se ao aeródromo de Moitas. No recinto

existe um bar, onde pode parar para restabelecer energias. Ao longe, avistam-se também as recém construídas instalações do Centro de Ciência Viva.

O percurso termina, exactamente, onde começou: na Pista de Moitas.



Arco da Moita

Construído em xisto, a pedra dominante na região de Proença-a-Nova, e em data indeterminada, diz-se que o Arco da Moita foi erguido por agradecimento a Nossa Senhora. O povo conta que uma criança que passava todos os dias neste sítio, a caminho da escola, muitas vezes, já noite escura, sentia medo e chorava. Até que um dia apareceu uma Senhora vestida de branco que o encorajou e lhe disse para estudar muito que, quando crescesse, iria ser padre. A partir desse dia, o rapaz nunca mais sentiu receio. Estudou e, quando se formou, ergueu o arco como símbolo da porta da coragem. Há poucos anos, a autarquia mandou reconstruir o arco, depois de um camião o ter derrubado acidentalmente.

► Percurso das Antas

Datadas do período Neolítico/Calcolítico, as antas ou mamoaos são câmaras funerárias usadas neste período da Pré-História. A Anta do Cão do Ribeiro foi escavada até à base no lado Sul, talvez para extração de argila. O caminho de acesso passa por cima da mamoa no lado Poente. A Anta do Vale do Alvito tem 35 metros de diâmetro no eixo EO e 33 no NS. À superfície, observam-se dois grandes blocos de xisto – grauvaque. A terceira mamoa do percurso, Cabeço da Anta, tem cerca de 38 metros de diâmetro [eixos Ns Eo] e mais de três metros de altura. No topo, observa-se uma laje de xisto com um metro de comprimento, 10 cm de altura e 35 cm de espessura.

«As antas desta região, e de algumas outras do país, são sepulturas em forma de câmara fechada, construídas em lajes de xisto, fincadas no solo verticalmente, com uma única laje servindo de “rampa”. Apresentam geralmente um corredor, orientado a nascente, e estavam envolvidas por montículos artificiais de terra, argila e pedras - Mamoaos.» (Francisco Henriques / Jorge Gouveia - Centro de Estudos do Alto Tejo)



► Fauna e Flora

Essencialmente constituída por pinhais e eucaliptais no estrato arbóreo, estevas (*Cistus ladanifer*), urzes (*Erica scoparia*, *Calluna vulgaris*), tojos (*Ulex*) no estrato arbustivo. Junto às ribeiras e linhas de água aparecem frequentemente tufos de gilbardeira (*Ruscus aculeatus*). De vez em quando, quase isoladamente (tomados pelos pinhais), podem-se observar sobreiros, azinheiras e alguns pequenos olivais, como resquícios da floresta tradicional portuguesa.

Neste percurso poderão ser observados: raposa (*Vulpes vulpes*), ginete (*Genetta genetta*), saca-rabo (*Herpestes ichneumon*), javali (*Sus scrofa*), lebre (*Lepus capensis*), coelho (*Oryctolagus cuniculus*), perdiz vermelha (*Alectoris rufa*), gralha preta (*Corvus corone*), gaio (*Garrulus glandarius*), mocho galego (*Athene noctua*), peneireiro de dorso malhado (*Falco tinnunculus*), entre outros.